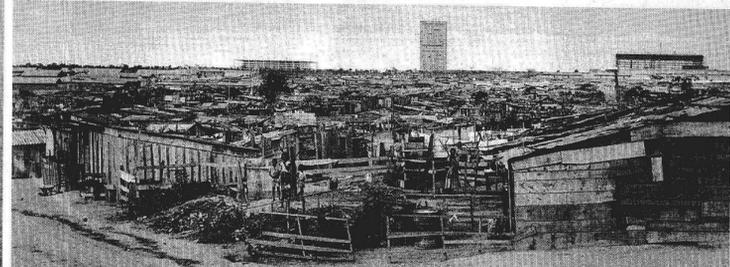




À esquerda, a entrada da recém-criada Taguatinga, em foto de Mário Fontenelle. À direita, a Cidade Livre recebendo ônibus interurbanos



A Vila Amaury surgiu para abrigar os candangos que não tinham onde morar. Mais tarde, foi engolida pelo Lago Paranoá

DE COMO A MIRAGEM SE TORNOU REALIDADE

» CONCEIÇÃO FREITAS

Era como se a capital do país fosse ser transferida do Rio de Janeiro para uma miragem no deserto. Uma esplanada singrava a vegetação rala e nas bordas da avenida pontuavam predinhos dispostos como pedras de dominó. Na extremidade leste, duas torres gêmeas surgiam dentro de formas de madeira e aos pés delas havia duas bolas de concreto partidas ao meio, uma convexa e outra côncava. Atrás das torres, dois palácios de mármore branco emergiam do silêncio eterno do cerrado. Torres e palácios formavam um triângulo cuja área seria definida com míldas pedras portuguesas, incrustadas uma a uma no terreno.

Na outra extremidade da Esplanada, uma plataforma em obras se insinuava no cruzamento de dois eixos. Ao sul de um desses eixos, o Rodoviário, blocos

retangulares se alinhavam como se um deus do urbanismo tivesse brincando de inventar uma cidade com pedrinhas de brilhante. Bem no meio do eixo sul, uma construção em forma de chapéu de freira dominicana se sustentava em alicerces triangulares e, dentro dele, uma pequena nave já acolhia celebrações religiosas. O eixo rodoviário também se estendia ao norte — solitário.

Ao largo desse conjunto arquitetônico alinhado em eixos, havia duas outras edificações brancas como aqueles dois palácios de mármore. Uma delas se destacava pela imponente delicadeza — era ao mesmo tempo altiva e diáfana, delgada e sinuosa, soberana e etérea. Parecia se sustentar com meias asas em posição de voo. Era um palácio e esperava por um lago. O outro prédio, razoavelmente próximo ao primeiro, era singelo e discreto, como quem reverenciava o vizinho.

Faltavam quatro meses para que esse

conjunto esparso de formas inesperadas fosse inaugurado como sendo a nova capital do Brasil. Havia outras obras pontilhando o chão cor de ferrugem. As estruturas de um grande hospital apontavam no centro da cidade. Ao sul, numa via que viria a se chamar Avenida W-3, 500 casinhas cor de algodão já abrigavam candangos anônimos e ilustres. Um dos mais eminentes moradores do lugar era o arquiteto Oscar Niemeyer, o autor de todas as obras de arquitetura que estavam sendo construídas na inaudita cidade, exceto a Plataforma Rodoviária, que pertencia ao urbanista Lucio Costa, o vencedor do concurso que escolheu o projeto de Plano Piloto da capital do Brasil.

Era à noite que a futura cidade parecia verdadeiramente existir. As luzes penduradas em postes mambembes reduziam a imensidão do cerrado às obras em andamento. O barulho de martelos, serras, motores se expandia na escuridão avisando

que algo grandioso estava sendo preparado para muito breve. Quando amanhecia, a cidade voltava a se esvanecer no terreno monumental.

Filósofo e cineasta

Longe do futuro Plano Piloto, formigueiros de gente improvisavam pequenos aglomerados com casas feitas de pedaços de madeira, madeirite, sacos de cimento, papelão, lona. O maior deles, a Cidade Livre, havia sido criada para servir de suporte à construção da capital e, de acordo com os planos da Novacap, seria desmontada logo depois da inauguração de Brasília. Taguatinga tinha surgido às pressas para abrigar uma multidão de nordestinos vindos da terrível seca de 1958.

Imensa vila, a Amaury, criada pela Novacap, alojava-se no leito do futuro Lago Paranoá, que começaria a se formar em setembro de 1959.



É CHEGADA A HORA DE COMPREENDER QUE A OBRA QUE COMEÇA A ERGUER-SE DIANTE DE NÓS É A PRIMEIRA DAS CAPITALS DA NOVA CIVILIZAÇÃO

André Malraux,
ministro da Cultura da França

Sucediam-se as visitas à impressionante cidade. A 25 de agosto de 1959, chegou o personagem que deu a Brasília um de seus mais repetidos epítetos, o de "capital de esperança". O filósofo e ministro da Cultura da França, à época, André Malraux, ficou impactado com a obra moderna feita pelos brasileiros. "No processo de desenvolvimento, muitas vezes as grandes nações encontraram o seu símbolo e, indubitavelmente, Brasília é um símbolo desse gênero", disse Malraux. "Se renascer a velha paixão das inscrições nos monumentos, gravar-se-á sobre os que aqui vão nascer: Audácia, energia, confiança. Não se trata de vossa divisa oficial, mas talvez das que vos dará posteridade."

O cineasta Frank Capra tinha passado por Brasília dias antes da vinda de Malraux. Durante seis horas, filmou a cidade de helicóptero, imagens que se perderam no tempo. De volta aos Estados Unidos, Capra enviou agradecimentos a Juscelino

Kubitschek pela hospitalidade: "Numa época em que o mundo receia a sua destruição, o senhor está construindo e edificando, para o futuro, em tão emocionante escala que isso deve constituir, um tônico restaurador para um mundo deprimido".

No fim de 1959, o Brasil não tinha nenhuma dúvida: o Rio de Janeiro não seria mais a capital do Brasil. Por mais absurdo que pudesse parecer quatro anos antes, Brasília seria mesmo inaugurada em 21 de abril de 1960.

LEITURAS

- » Arquivo Brasília, Lina Kim e Michael Wesely, Companhia das Letras, 2010
- » Diário de Brasília 1959
- » Revista Brasília, números 31, 32, 33, 34, 35 e 36

“Basicamente brasileira”

GILBERTO FREYRE

(EM ENTREVISTA À RÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA EM 7 DE NOVEMBRO DE 1959)

“Foi com a maior satisfação que, depois de um primeiro contato, espécie de aperitivo, com Brasília, voltei esta semana a ver de perto esta assombrosa criação brasileira, desta vez a convite do meu eminente amigo, o presidente Juscelino Kubitschek.

Sejam quais forem suas deficiências, neste ou naquele particular, Brasília é de certo um esforço que honra a capacidade de realização dos homens públicos, dos administradores, dos arquitetos, dos urbanistas, dos sanitaristas, dos educadores, dos técnicos e dos operários nele empenhados com um fervor que, em alguns, chega a ser um fervor místico ou religioso. Do ponto de vista artístico Brasília é qualquer coisa de maravilhoso. Continuo a pensar que lhe falta a presença, entre os orientadores da sua construção, do ecologista e dos cientistas sociais; e renovo daqui o meu apelo ao presidente da República e ao diretor Israel Pinheiro, no sentido de procurarem juntar, sem demora, esta colaboração efetiva ao esforço cada vez mais complexo que a construção de Brasília representa como um grande triunfo brasileiro no espaço tropical e no tempo moderno.

É evidente que Brasília se desenvolverá como uma cidade basicamente brasileira. Por conseguinte, com problemas comuns a outras cidades brasileiras. Por outro lado — tal é a sua modernidade, tal é a sua projeção sobre o futuro, como cidade situada no trópico, que vários dos seus problemas serão especificamente, vamos dizer, brasileiros e não apenas brasileiros.

Esses problemas, que acabo de chamar especificamente brasileiros, terão de ser considerados — e quando possível resolvidos, por administradores de visão na verdade larga, com a colaboração não só de urbanistas, arquitetos e artistas, mas — permita que insista neste ponto — de ecologistas e cientistas sociais, pois não nos esqueçamos de que Brasília não é uma criação do vácuo, mas dentro de uma ecologia — a tropical e condicionada pela situação do Brasil, pelas suas inter-relações internas (inter-relações das quais Brasília vai se tornar o centro) e pelas suas relações com o exterior: relações de uma já quase potência, não só continental como atlântica.

Não sei se se deva dizer que Brasília vai se desenvolver como cidade de formação cosmopolita. A meu ver, se tal sucedesse, seria não a sua grandeza, mas, talvez, a sua desgraça. Brasília, a meu ver, deve desenvolver-se combinando o que nela é brasileiro com o que lhe virá, cada vez mais, de fora, sob a forma de boas e saudáveis influências de caráter cosmopolita.

Sou dos que acreditam de modo, posso dizer, absoluto, em que a interiorização da Capital é uma necessidade brasileira. Será um meio de tornar-se o Brasil um todo mais dinamicamente inter-regional e, por conseguinte, um todo verdadeiramente nacional.”

“A mais ousada”

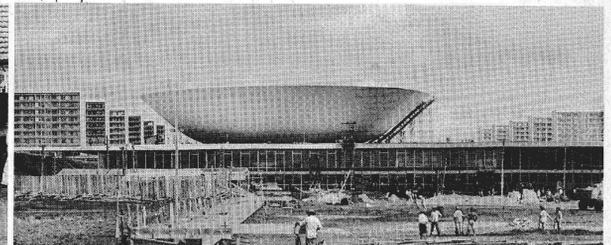
ANDRÉ MALRAUX

(MINISTRO DA CULTURA DA FRANÇA EM DISCURSO PROFERIDO DURANTE VISITA A BRASÍLIA EM 25 DE AGOSTO DE 1959)

“Sabeis — como sabem todos os artistas, mas como os governos não o sabem tão bem — que as formas de arte destinadas a perpetuar-se na memória dos homens são formas ‘inventadas’. Nesta cidade que tem sua origem na vontade de um homem e na esperança de uma Nação, com as antigas metrópoles surgiram da vontade imperial de Roma ou dos herdeiros de Alexandre, o Palácio da Alvorada que edificastes, a catedral que haveis projetado nos trazem algumas das formas mais arrojadas da arquitetura, e, ante os esboços da futura Brasília, percebemos que a cidade inteira será a mais ousada que jamais o Ocidente haja concebido. Em nome de tantos monumentos ilustres que povoam nossa memória, graças aos sejam dadas por haverdes depositado confiança em vossos arquitetos para criar a cidade e em vosso povo para que lhe tenha amor. Tal ousadia, sabemos como alguns a temem, mesmo dentre amigos desses projetos, é possível que apreendam mal o que lhes confere decisivo valor histórico. É chegada a hora de compreender que a obra que começa a erguer-se diante de nós é a primeira das capitais da nova civilização.”



A Rodoviária em construção, a Praça dos Três Poderes sendo calçada, alguns blocos de superquadras já concluídos: era Brasília pouco antes da inauguração



LINHA DO TEMPO

DE JULHO A DEZEMBRO DE 1959

Num dos primeiros dias de agosto, o cineasta Frank Capra sobrevoa Brasília de helicóptero, durante seis horas, para filmar as obras da nova capital.

AGOSTO

16 de agosto — Morre o marechal José Pessoa, aos 73 anos, três anos depois de deixar a Comissão de Planejamento e Mudança da Capital Federal. A revista *Brasília* dedicou uma página ao marechal.

19 de agosto — De acordo com o censo experimental realizado em 17 de maio de 1959, Brasília abriga 64.314 moradores, dos quais 42.332 são homens e 21.982, mulheres.

25 de agosto — O escritor, filósofo e ministro da Cultura da França, André Malraux, visita Brasília.

SETEMBRO

12 de setembro — Com uma ligação, Juscelino inaugura o circuito rádio-telefônico entre Rio de Janeiro e Brasília. No mesmo dia, aniversário de JK, fecha-se a barragem do Paranoá, dando início, assim, à formação do lago. O presidente inaugura trevos,

viadutos e pavimentação asfáltica dos eixos rodoviários. JK lança a pedra fundamental da Catedral de Brasília, inaugura blocos de apartamento do IAPB e do IAPC e visita as obras do Hospital de Base.

15 de setembro — Lançada a pedra fundamental do Correlô Brasileiro.

17 de setembro — Instala-se em Brasília o Congresso Internacional de Críticos de Arte.

NOVEMBRO

7 de novembro — O antropólogo Gilberto Freyre visita Brasília pela segunda vez.

10 de novembro — O Catetinho passa a fazer parte das obras protegidas pelo então Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

23 de novembro — Inauguração da plataforma no cruzamento dos Eixos Monumental e Rodoviário e a primeira parte da obra da Rodoviária.

24 de novembro — Lançada a pedra fundamental do Colégio Dom Bosco no Plano Piloto.

Concluídos 59 mil metros de tubulação, um reservatório definitivo e parte de uma adutora de um metro de diâmetro. Concluídos também 33 mil metros de rede de esgoto e 79 mil metros de águas pluviais. Está pronta a Barragem do Torto, a estrutura do Hospital Central (Hospital de Base). Já foram pavimentadas cerca de 300km de avenidas no

Plano Piloto; 500 casas na W3 Sul estão prontas e muitas delas habitadas. A hidrelétrica de Cachoeira Dourada também já está pronta, com 28 mil kwats.

DEZEMBRO

Já estão parcialmente prontos os 11 primeiros edifícios destinados aos ministérios. Começam a ser construídas as tesourinhas de acesso às primeiras superquadras da Asa Sul. A Igrejainha, o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel

estão concluídos. O Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal já estão com suas estruturas prontas. As duas cúpulas do Congresso também foram concluídas. As torres gêmeas já alcançaram o 28º andar.

20 de dezembro — Inaugurado novo conjunto residencial da Fundação da Casa Popular com 840 apartamentos, em 28 blocos de três andares, construídos em 210 dias. São os edifícios JK.

» LEIA NA EDIÇÃO DE 18 DE FEVEREIRO DE 2012 — Como foi construída a Praça dos Três Poderes e o que ela representa para a cidade, o país e a democracia.

www.correlobrazilense.com.br



acompanhe no hotsite mapas, filmes, fotos e textos que contam a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.